

A conformação de metáforas
na terminologia do petróleo
motivadas pela relação homem-mundo:
os campos semânticos *vestuário, família e cores*
*The conformation of metaphors in oil terminology
motivated by the human-world relationship:
the semantic fields of clothing, family, and colors*

Theciana Silva Silveira*
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, Brasil

Resumo: O presente texto tem como objetivo analisar as metáforas motivadas pela relação homem-mundo nos campos semânticos *vestuário, família e cores*, na terminologia do petróleo. Fundamenta-se no viés cognitivo da metáfora, de Lakoff e Johnson (2015), e no prisma comunicativo e sociocognitivo da Terminologia, de Cabré (1999) e Temmerman (2000), respectivamente. Tomou-se como fonte de dados a única obra terminográfica em língua portuguesa sobre o petróleo, intitulada *Dicionário do petróleo em língua portuguesa: exploração e produção de petróleo e gás*. Com base nas análises, foi possível observar que as metáforas da terminologia do petróleo são motivadas pela relação homem-mundo, alicerçadas nas experiências do cotidiano, sobretudo nos campos semânticos *vestuário, família e cores*. Desse modo, entende-se que a metáfora não está ligada apenas ao recurso estilístico, como preconizado pela visão clássica, mas faz parte de um processo mental em que se estrutura um conceito a partir de outro, baseados nas experiências cotidianas.

Palavras-chave: Relação homem-mundo. Metáfora. Terminologia. Petróleo.

Abstract: This text aims to analyze the metaphors motivated by the human-world relationship in the semantic fields of clothing, family, and colors in oil terminology. It is based on the cognitive bias of metaphor by Lakoff and Johnson (2015), and based on the communicative and sociocognitive prism of Terminology by Cabré (1999) and Temmerman (2000), respectively. The only terminographic work in Portuguese about oil, entitled *Dicionário do petróleo em língua portuguesa: exploração e produção de petróleo e gás (Dictionary of Oil in Portuguese: Oil Exploration and Production)*, was used as data source. Based on the analyses, it was possible to observe that the metaphors in oil terminology are motivated by the human-world relationship, grounded in everyday experiences, particularly in the semantic fields of *clothing, family, and colors*. Thus, it is understood that metaphor is not only linked to a stylistic device, as advocated by the classical view, but it is part of a mental process in which one concept is structured based on another, drawing from everyday experiences.

Keywords: Human-world relationship. Metaphor. Terminology. Oil.

* Professora Adjunta, Departamento de Letras, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, MA, Brasil; theciana.silveira@ufma.br

1 INTRODUÇÃO

O homem sempre utilizou diversas fontes de energia para sobreviver, dentre elas, o petróleo, que é usado há milhares de anos, inicialmente, na forma de betume, alcatrão e, atualmente, na forma de petróleo, gás e seus derivados. O petróleo é uma das principais matérias-primas existentes. Ainda é considerada a principal fonte de energia “que movimenta o mundo, fornecendo combustível necessário para manter em funcionamento os diferentes meios de transporte, enquanto o gás natural gera a energia elétrica necessária para que muitas sociedades possam manter seu estilo de vida moderno” (*Society of Petroleum Engineers – SPE, 2007*).

As diversas possibilidades advindas do uso do petróleo têm sido cruciais para a extensão de suas aplicações e expansão em todo o mundo, tornando-se um dos maiores vetores do processo de globalização. A dinamicidade da língua e a nova visão oriunda dessas mudanças implicam em uma reorganização dos conceitos já estabelecidos. Para além disso, há outro aspecto muito importante a ser considerado no desenvolvimento dessa tarefa, a saber: as diferentes maneiras de conceptualizar a realidade. Cada povo carrega consigo uma forma de ver a realidade e essa particularidade é refletida na língua, que funciona como um espelho da sociedade. Não obstante, a escolha dos termos não se dá de forma aleatória, mas está motivada por diversos fatores encontrados no plano cognitivo.

Por isso, consideramos tão importante analisar esse universo sob o prisma cognitivo dos estudos da metáfora. É fundamentado nessa perspectiva que é possível aliar aspectos linguísticos, cognitivos e sociais, tomando como base a experiência do homem com o mundo. Apoiamo-nos, portanto, nos trabalhos de Lakoff e Johnson (2015), que entendem a metáfora como um fenômeno presente no nosso cotidiano, de modo que grande parte do que produzimos perpassa por modelos metafóricos, sobretudo, no ato de nomeação das entidades presentes no universo. Isso ocorre tanto em contextos triviais do dia a dia, quanto em contextos altamente especializados.

É com base nesse cenário que objetivamos analisar a conformação de metáforas na terminologia do petróleo, motivadas pela relação homem-mundo: nos campos semânticos *vestuário*, *família* e *cores*. O presente trabalho está organizado da seguinte forma: (i) seção 2 – *Um passeio pelos estudos da metáfora* –, em que apresentamos considerações acerca da metáfora, desde a visão mais clássica até a visão cognitiva, a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC) e a metáfora na Terminologia; (ii) seção 3 – *Procedimentos metodológicos*, no qual delineamos as etapas seguidas para tratamento, seleção e organização dos dados; e (iii) seção 4 – *A conformação de metáforas na terminologia do petróleo motivadas pela relação homem-mundo* –, em que tratamos das análises propriamente ditas. Ademais, apresentamos as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas neste texto.

2 UM PASSEIO PELOS ESTUDOS DA METÁFORA

A metáfora sempre foi reconhecida ao longo dos estudos, seja como mecanismo estilístico, seja como compreensão das atividades humanas. O fato é que esse fenômeno é um dos recursos mais ricos que a língua possui para expressar ideias, emoções, abrangendo não só a linguagem, mas também o próprio pensamento, a

categorização do universo e a ação humana. Mesmo com o grande avanço nos estudos metafóricos, ainda há muito a se discutir acerca desse fenômeno.

A metáfora tem sido objeto de estudo das mais diferentes áreas do conhecimento humano e analisada em diferentes prismas, desde Aristóteles, que a investigava do ponto de vista linguístico, estético e filosófico, entendendo a metáfora como um mecanismo estilístico da linguagem, restrito à retórica e à literatura, até os dias atuais, quando se admite que a metáfora é um mecanismo fundamental para a compreensão das diversas experiências humanas e está presente no cotidiano, segundo Lakoff e Johnson, na obra *Metaphors we live by* (1980)¹.

2.1 Perspectiva clássica e cognitiva da metáfora

Segundo o *Dicionário Houaiss* (DH), o termo “metáfora” deriva do grego *metaphora*, que significa ‘mudança, transposição’, composto por *meta* (mudança) e *phora* (carregar); transportar ou deslocar para, por extensão ‘transposição do sentido próprio ao figurado’, ou seja, implica dizer que há um conjunto de processos linguísticos nos quais traços e características de determinada entidade são transferidas para outra, de modo que essa outra funcione como a primeira.

Essa ideia acerca da metáfora vem desde as reflexões mais antigas, entretanto, com diferentes perspectivas. Nos estudos aristotélicos (século IV a. C.), encontramos a primeira noção de metáfora no Ocidente, na obra *Poética* (1965), em que o autor define metáfora como a “transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via de analogia” (Aristóteles, 2006, III, IV, 7, p. 182). Com base nessa definição, o autor apresenta quatro tipos de metáfora, a saber: (i) do gênero para espécie; (ii) da espécie para o gênero; (iii) da espécie para espécie; e (iv) por analogia. Em estudos mais recentes, essa classificação é denominada de sinédoque, sinédoque generalizante, metonímia e metáfora específica, respectivamente (Filipack, 1983).

Segundo Aristóteles, a comparação direta também era entendida como metáfora, como no exemplo apresentado pelo autor: “Aquiles se atirou como um leão”. Aquiles é comparado a um leão que possui traços que remetem a força, coragem, valentia, logo, Aquiles é o leão, a característica trazida no imaginário da figura do leão é transmitida para Aquiles, como na sequência do exemplo “o leão atirou-se”. Assim, ambos os exemplos apresentam metáforas, pois em ambas houve a transferência das características do leão para Aquiles.

No entanto, Ricoeur (2015) afirma que Aristóteles não pretendia analisar a metáfora por meio da comparação, mas de utilizar a comparação para explicar a metáfora, uma vez que Aristóteles afirma que toda comparação é uma metáfora desenvolvida. Ao aproximar a metáfora da comparação, Aristóteles “percebe certa superioridade da metáfora sobre a comparação, pelo fato de a metáfora ser entendida e julgada como sendo mais agradável, mais elegante e predicativa ao ser equiparada à comparação.” (Fossile, 2011, p. 3).

¹Ano de publicação da obra *Metaphors we live by*, em inglês. Entretanto, para efeito deste trabalho, utilizamos a versão em espanhol (10.^a ed.), do ano de 2015, *Metáforas de la vida cotidiana*, publicada pela primeira vez em 1986. Desse modo, faremos referência a essa obra por meio do ano de sua última edição e não de sua data de publicação, ou de sua primeira edição na versão em espanhol.

Aristóteles defende, ainda, em sua obra *Retórica* (1998), a importância da metáfora na comunicação, mas ressalta para o seu uso, uma vez que “[...] não pode ser tomada de longe – pois em tal caso seria difícil de apreender –; nem ser de interpretação que salte à vista – pois deixaria de causar impressão” (Aristóteles, 1998, III, 10, 06, p. 195).

Nesse contexto, a ideia de metáfora estava ligada aos estudos da Retórica – que foi antes de tudo uma técnica da eloquência, seu objetivo era gerar a persuasão –; e da Poética – a arte de compor poemas. Desse modo, a poesia e a eloquência pareciam estar situadas em dois universos com diferentes discursos. Entretanto, segundo Ricoeur,

[...] a metáfora tem um pé em cada domínio. Ela pode, quanto à estrutura, consistir apenas em uma única operação de transferência de sentido das palavras, mas quanto à função, ela dá continuidade aos destinos distintos da eloquência e da tragédia; há, portanto, uma única estrutura da metáfora, mas duas funções: uma função retórica e uma poética. (Ricoeur, 2015, p. 23).

De acordo com tais afirmações, na teoria aristotélica, a metáfora tem valor estético e serve para ornamentação da linguagem, bem como persuadir. Nesse contexto, a palavra é a unidade de referência na retórica da metáfora. Assim, para Aristóteles, o dom de elaborar boas metáforas “revela o engenho natural do poeta; com efeito, bem saber descobrir as metáforas significa bem se aperceber das semelhanças”. (Ricoeur, 2015, p. 138).

Com base nessa visão, a metáfora recebia um tratamento puramente retórico, possuindo valor ornamental, dando à metáfora um caráter reduzido, pois essas semelhanças eram percebidas por meios de comparações e a metáfora era apenas simples recurso de substituição de palavras.

Os avanços epistemológicos trouxeram para o estudo da metáfora o prisma cognitivo. Com base nessa perspectiva, a metáfora se constitui como um fenômeno do pensamento que expressa tudo aquilo que experienciamos por meio de categorias. Em outras palavras, considera-se a linguagem como algo inseparável do conteúdo cognitivo dos indivíduos, antes vista como recurso poético, imagético e retórico, na visão clássica dos estudos metafóricos. Nessa direção, Berber-Sardinha afirma que “a metáfora deixou de ser uma figura de linguagem para ser um processo estruturador do pensamento” (2007, p. 169).

Um dos primeiros campos a se debruçar acerca desse novo ponto de vista foi a Psicologia Cognitiva, que influenciou outras ciências, como a Linguística Cognitiva, (doravante LC). Esse novo paradigma teórico, a LC, começou a ganhar mais evidência como estudo da linguagem por volta da década de 70 e, em 80, teve um grande auge. As circunstâncias históricas do seu surgimento estão relacionadas aos trabalhos gerativistas de Noam Chomsky, a partir de sua obra *Syntactic structures* (1957), pois seus estudos revolucionaram não só os estudos linguísticos, mas também as ciências cognitivas. Entretanto, estudiosos como George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier, apesar de concordarem com a premissa gerativista de que a linguagem é o espelho da mente, buscavam uma nova linha de investigação que partiam de pressupostos contrários do que postulavam os gerativistas (Ferrari, 2014).

Com isso, esses estudiosos buscavam observar a língua como reflexo do pensamento humano e de suas experiências com o mundo. É nesse cenário que surgem trabalhos como os de Lakoff e Johnson (1980), sobre a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), os quais revolucionaram os estudos acerca da metáfora, entendendo-a, por meio de análises de diversas expressões metafóricas, como um fenômeno inerente ao pensamento, uma vez que ela está presente no nosso cotidiano, dos contextos mais triviais aos mais importantes de nossas vidas.

2.2 Teoria da Metáfora Conceitual

A TMC foi desenvolvida por Lakoff e Johnson e tem como marco inicial a obra intitulada *Metáforas de la vida cotidiana* (2015), traduzido para o português como “Metáforas da vida cotidiana”. Essa teoria surge como uma revolução nos estudos da metáfora, refutando a visão tradicional, e objetiva compreender a metáfora como um recurso que existe para além da linguagem, fazendo parte não somente do sistema linguístico, mas também do nosso sistema conceitual, presente em nosso pensamento. Com isso, a metáfora é entendida como um recurso utilizado pelos seres humanos em seu cotidiano, em suas vivências e em suas experiências, envolvendo nossas ações e emoções que, por muito tempo e, para a maioria das pessoas, foi visto como apenas um recurso de imaginação poética. Nas palavras dos autores, “[...] a metáfora permeia o cotidiano, não só a linguagem, mas também o pensamento e a ação. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza.” (Lakoff; Johnson, 2015, p. 39, tradução nossa)².

A partir da pressuposição de que a metáfora é onipresente, a concepção de metáfora passa a ser vinculada à forma como concebemos o mundo à medida que compreendemos e experienciamos os diferentes fenômenos, o que gera diferentes formas de interpretá-los. Os autores atentam para o fato de que, na maioria das vezes, pensamos e agimos de maneira automática, e uma das formas de descobrirmos esse sistema é por meio da linguagem.

Nesse sentido, a metáfora conceitual é um fenômeno cognitivo, no qual um domínio é representado conceitualmente em termos de outro. Em outras palavras, Lakoff e Johnson (2015) propõem uma relação sistemática entre dois domínios: (i) domínio-fonte e (ii) domínio-alvo. O primeiro é a *fonte*, pois é a origem da estrutura conceitual que inferimos; já o segundo é o *alvo*, meta ou destino, o local de aplicação das inferências.

Para ilustrar o que é um conceito metafórico e como esse conceito estrutura nossa atividade cotidiana, Lakoff e Johnson (2015) apresentam o seguinte exemplo: Conceito: DISCUSSÃO (argumento) → Metáfora conceitual: DISCUSSÃO É UMA GUERRA. Nesse exemplo, compreendemos a metáfora, pois temos conhecimento sobre o domínio conceitual GUERRA, que tomamos como base para compreender o domínio conceitual DISCUSSÃO. Assim, GUERRA é o DOMÍNIO-FONTE e DISCUSSÃO é o DOMÍNIO-ALVO. Essa metáfora, ainda segundo os autores, reflete nossa linguagem do cotidiano, uma vez que estão presentes no nosso dia a dia

² “[...] la metáfora impregna la vida cotidiana, no solamente el lenguaje, sino también el pensamiento y la acción. Nuestro sistema conceptual ordinario, en términos del cual pensamos y actuamos, es fundamentalmente de naturaleza metafórica.” (Lakoff; Johnson, 2015, p. 39).

e são relacionadas a uma ampla variedade de expressões, como nos exemplos: a) Tuas afirmações são *indefensáveis* e b) *Atacou todos os pontos frágeis* do meu argumento. Logo, os usos de termos bélicos não são limitados para representar o campo de discussão, pelo contrário, são inúmeros. “Este é um exemplo do que significa um conceito metafórico, por exemplo, UM ARGUMENTO É UMA GUERRA, estrutura (pelo menos parte dela) o que fazemos e a maneira como entendemos o que fazemos quando discutimos”. (Lakoff; Johnson, 2015, p. 41, tradução nossa)³.

Reiteramos que os processos do pensamento humano são em grande parte de natureza metafórica, assim, entende-se que *metáfora* significa *conceito metafórico*. Esse conceito metafórico é sistematizado, bem como a linguagem que usamos para falar sobre esse aspecto. Seguindo essa linha de pensamento, Lakoff e Johnson afirmam que

[...] as expressões metafóricas da nossa linguagem se encontram enlaçadas com conceitos metafóricos de uma maneira sistemática, podemos usar expressões linguísticas metafóricas para estudar a natureza dos conceitos metafóricos e alcançar uma compreensão da natureza metafórica em nossas atividades. (Lakoff; Johnson, 2015, p. 43, tradução nossa)⁴.

Em síntese, as expressões metafóricas constituem um universo/conjunto organizado e ordenado de enunciados, formando um sistema coerente. Logo, a metáfora é ordinariamente conceitual. Para Oliveira,

Tal afirmação colaborou com a queda da dicotomia há séculos estabelecida entre o sentido literal *versus* figurado: sendo a metáfora um fenômeno central da linguagem e do pensamento, e não um recurso ornamental marginal à boa comunicação, não poderíamos mais pensar em tal recurso apenas como ferramenta estilística empregadas por poetas. (Oliveira, 2011, p. 48).

Assim, podemos dizer que a linguagem da *discussão*, com base no exemplo apresentado, não é poética, ou de caráter imaginativo, ou ainda retórico; pelo contrário, é literal, uma vez que falamos de discussões dessa maneira, porque as concebemos desse modo. Nesse sentido, agimos conforme concebemos as coisas (Lakoff; Johnson, 2015). Vale ressaltar que a maneira como concebemos as entidades do universo é, ainda, construída de acordo com cada cultura. A visão cognitiva da metáfora confirma que cada cultura tem o seu arcabouço simbólico, que faz com que as linguagens metafóricas de cada cultura reflitam a sua própria forma de estruturação do mundo.

2.3 A metáfora na Terminologia

Ao estudar a terminologia do petróleo, podemos observar um grande uso de termos que, em um primeiro momento, parece-nos tratar de um universo bem

³ “Este es un ejemplo de lo que significa que un concepto metafórico, por ejemplo, UNA DISCUSIÓN ES UNA GUERRA, estructura (al menos una parte) lo que hacemos y la manera en que entendemos lo que hacemos cuando discutimos.” (Lakoff; Johnson, 2015, p. 41).

⁴ “Las expresiones metafóricas de nuestro lenguaje se encuentran enlazadas con conceptos metafóricos de una manera sistemática, podemos usar expresiones lingüísticas metafóricas para estudiar la naturaleza de los conceptos metafóricos y alcanzar una comprensión de la naturaleza metafórica de nuestras actividades.” (Lakoff; Johnson, 2015, p. 43, tradução nossa).

particular, mas, ao estudarmos com afinco, notamos que muitos dos termos usados são constituídos por um vocabulário genérico, ou seja, fazem parte da língua geral ou são emprestados de outros domínios e, ainda, termos peculiares ao universo ora estudado. Mesmo sendo constituídos de diversas formas, em se tratando dos termos do petróleo, foi possível perceber que muitos desses termos são formados por metáforas.

Na terminologia, a metáfora também foi vista com um enfoque tradicional, mas que com os avanços dos estudos, passou a ser entendida como fundamental na conformação dos termos de um universo especializado. A vertente tradicional da terminologia, a Teoria Geral da Terminologia (TGT), de Eugen Wüster (1998), ansiava pela precisão denominativa e conceitual, a univocidade dos termos, objetivando uma linguagem mais objetiva e sem ruído na comunicação. Vale destacar que a metáfora não era desconhecida por esse estudioso de cunho normativista, apenas não era considerada nessa visão tradicional.

As reformulações desses ideais resultaram em novas abordagens, considerando, então, a dimensão linguística na Terminologia, como a Teoria Comunicativa da Terminologia (ICT), que tem como principal representante Maria Teresa Cabré (1999), gerou novos postulados, abrangendo os fenômenos da língua, entendendo-os como fundamentais na descrição da realidade terminológica. Assim, fenômenos como a metáfora, a polissemia, a sinonímia, passam a ser considerados intrínsecos também ao universo especializado. Seguindo essa linha de raciocínio, Martins destaca:

O fenômeno da metáfora na linguagem científica não se caracteriza por uma baixa frequência de ocorrência, antes apresenta-se como um componente dominante na linguagem humana. De facto, as expressões figurativas atravessam o discurso científico, principalmente nas fases iniciais do desenvolvimento de uma determinada disciplina e em períodos de pesquisa intensa, entre as quais se destacam as metáforas. (MARTINS, 2003, p. 131).

FLP 25(1)

É com base nessa perspectiva que a TCT defende que o termo deve ser entendido nas dimensões linguística, cognitiva e social. Com isso, esses fenômenos passam a ser considerados e valorizados como parte do discurso especializado.

Com o advento da Linguística Cognitiva e suas contribuições no estudo da metáfora, começou-se a pensar na necessidade de reposicionar o entendimento a respeito do papel das metáforas no universo especializado. Notadamente, a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST) ocupou-se em analisar a realidade terminológica sob o viés cognitivo; para tanto, Rita Temmerman (2000) dedica um capítulo inteiro de sua obra *Towards new ways of terminology description: the sociocognitive approach* para tratar dos modelos metafóricos. Nesse texto, ela faz uma retomada dos postulados tradicionais, tecendo críticas a respeito desses ideais que buscavam distanciar a metáfora do universo terminológico, para apresentar um novo modelo pautado no papel central da metáfora nas áreas de especialidade. A autora desenvolve sua proposta por meio da descrição e da análise no âmbito da genética, e discute de que forma o raciocínio metafórico deixa seus traços na linguagem. Ela afirma que, nessa abordagem, “[...] a metáfora é vista como um fenômeno em que categorização, pensamento analógico, criatividade e expressão linguística se encontram”

(Temmerman, 2000, p. 160, tradução nossa⁵). Essa visão da metáfora é consoante ao que Lakoff e Johnson (2015) já haviam sinalizado na TMC.

É com base nas reflexões dessas perspectivas comunicativas/cognitivas que realizamos nossas análises. Cabe salientar que não buscamos utilizar um modelo teórico único para que se encaixe neste trabalho, mas a partir desses modelos encaminhar nossas análises conforme nossos objetivos, levando em conta o *corpus* lexicográfico com o qual trabalhamos e detalhamos na próxima seção.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Iniciamos este trabalho tomando como referência a obra terminográfica impressa intitulada *Dicionário do petróleo em língua portuguesa: exploração e produção de petróleo e gás* (doravante DP), organizado por Eloi Fernández y Fernández, Oswaldo A. Pedrosa Junior e António Correia Pinho. Esse dicionário foi resultado de uma colaboração entre Angola, Brasil e Portugal, os três principais países produtores de petróleo no âmbito da CPLP. Escolhemos essa obra por tratar-se do primeiro dicionário (e único, ao menos até agora) de petróleo em língua portuguesa, com a vantagem de incluir três variedades do português.

Para que a obra pudesse receber qualquer tratamento computacional, era necessário que estivesse em formato digital. Para isso, o dicionário foi desmontado, para que todas as páginas pudessem ficar dispostas uniformemente na mesa de digitalização. O equipamento utilizado foi uma máquina multifuncional (copiadora e scanner) disponível na gráfica da UFSCar. Para a revisão da qualidade de digitalização, foi utilizado o programa ABBYY FineReader. Tanto a digitalização quanto a revisão foram realizadas por Clarissa Galvão Bengtson.

Após essa digitalização, o arquivo passou por um tratamento computacional. Esse tratamento consistiu na conversão do texto para o formato XML, de modo a permitir a inserção de etiquetas que indicassem todas as entradas em português, os equivalentes em inglês e o restante do verbete. Esse formato XML possibilitou a posterior transformação da totalidade do dicionário numa grande planilha Excel. Toda a parte computacional foi desenvolvida por José Pedro Ferreira, do CELGA-ILTEC (Portugal).

De posse desses materiais, iniciamos a etapa de seleção dos termos a serem analisados. Todo o trabalho de seleção dos termos foi feito de forma manual. Como se trata de um trabalho qualitativo, a ideia era analisar individualmente os termos com base em critérios estabelecidos, buscando compreender por meio desses termos como se dá a realidade terminológica no universo do petróleo.

Para isso, organizamos uma planilha (8.855 linhas) com todos os termos-entrada (cabeça do verbete) do dicionário. Com base nessa lista, buscamos coletar os termos que, a priori, estabelecessem relação com os diferentes domínios, como do corpo humano, animais, vestuário etc., o que nos levaria ao encontro de metáforas linguísticas, algumas mais transparentes, outras mais opacas. Para a seleção dos termos metafóricos, seguimos o seguinte percurso metodológico:

⁵ “In these definitions metaphor is seen as a phenomenon in which categorization, analogical thinking, creativity and linguistic expression meet.” (Temmerman, 2000, p.160).

- a) listamos todos os termos (8.854) para iniciar uma breve leitura do *corpus* com vistas a conhecer os termos que fazem parte do universo do petróleo;
- b) fizemos buscas a partir de nossa intuição como linguista, levando em conta nosso conhecimento prévio sobre metáfora, terminologia e lexicografia;
- c) identificamos os possíveis candidatos a termos metafóricos;
- d) buscamos a definição dos candidatos a termos metafóricos no DP;
- e) contrastamos a definição apresentada no DP com as definições registradas em dicionários gerais;
- f) decidimos, então, se o termo era metafórico ou não.

Como exemplo, temos o caso do termo *luva*, considerado metáfora em nosso estudo, que nos remete ao universo do vestuário e mantém uma relação de similaridade com a função empregada no universo do petróleo. Para chegarmos a essa decisão, completamos todas as etapas apresentadas. Entretanto, nem todos os termos seguiam um mesmo padrão, por isso, tivemos, ainda, que elaborar alguns critérios para os casos específicos, ou seja, aqueles que fugiam do percurso-base na atividade de identificação de metáforas, são eles:

- critério 1: quando o termo era constituído por mais de um elemento, formando um composto sintagmático, selecionávamos o elemento que julgávamos metafórico para realizar as buscas nos dicionários gerais. Ex: *elemento filho* (filho era o elemento analisado);
- critério 2: quando a definição apresentada no DP não era satisfatória para a nossa compreensão, buscávamos fontes de referência para enriquecer o entendimento e contribuir no momento das análises;
- critério 3: quando não encontrávamos os candidatos a termos metafóricos nos dicionários gerais, decidimos por não os incluir na análise.

Para este trabalho, selecionamos as metáforas motivadas pela relação homem-mundos dos núcleos *vestuário*, *família* e *cores*.

4 ANÁLISE DOS TERMOS METAFÓRICOS NA TERMINOLOGIA DO PETRÓLEO MOTIVADAS PELA RELAÇÃO HOMEM-MUNDO

Neste item, selecionamos as metáforas de domínios que pertencem ao que chamamos de campos semânticos, ou seja, núcleos específicos que influenciam na conformação dos termos metafóricos a partir das experiências do homem com o mundo. Analisamos os núcleos metafóricos: *vestuário*, *família* e *cores*.

4.1 Metáforas de vestuário

No campo semântico *vestuário*, registramos três termos: *luva*, *camisa* e *jaqueta*. *Luva* possui o maior número de ocorrências, com 10, são elas: *luva*, *luva da camisa*, *diagrafia de localização das luvas de revestimento*, *diagrafia de luvas de revestimento*, *perfil localizador de luva*, *perfil de luvas de revestimento*, *luva de fluxo*, *luva de redução*, *luva de bastes*, *luva da coluna de produção*; *camisa*, com sete ocorrências: *camisa*, *luva da camisa*, *camisa de refrigeração*, *camisa de cilindro*, *adaptador para camisa de Bombeamento Centrífugo Submerso*, *estabilizador de camisa*, *camisa deslizante*; por fim, temos duas ocorrências de *jaqueta*: *jaqueta* e *jaqueta de plataforma*. Iniciamos as análises trazendo as definições apresentadas no DP.

(1) *luva / coupling*

DP: peça cilíndrica oca, ou tubo de pequeno comprimento, com rosca interna nas duas extremidades, com a qual se efetua a conexão, por enroscamento, de dois tubos com roscas externas. No método de produção por bombeio mecânico é também utilizada para conectar hastes. → Quando as roscas são de diferentes diâmetros, chamam-se luvas de redução e permitem conectar peças de bitolas diferentes. Quando as roscas são de diferentes tipos, chamam-se luvas adaptadoras.

(2) *camisa / barrel tube*

DP: tubo usado em bombeio mecânico, com superfície interna polida e perfeitamente ajustada ao pistão para que, durante o ciclo de bombeio, seja minimizado o escorregamento de fluido bombeado. A válvula de pé é acoplada na extremidade inferior desse tubo. → Quanto ao tipo, pode ser de parede grossa ou de parede fina; quanto ao material, pode ser de aço-carbono, aço-liga, bronze, monel; e sua parede interna pode ser revestida de cromo duro para obter maior resistência mecânica à abrasão e à corrosão.

(3) *jaqueta / jacket*

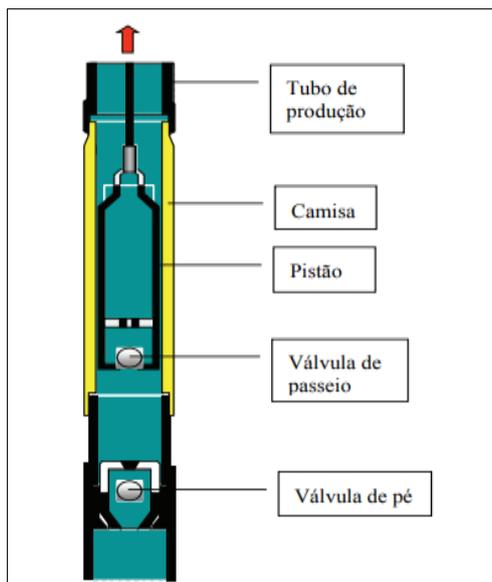
DP: estrutura de suporte de uma plataforma fixa que vai desde a fundação até pouco acima do nível do mar, sobre a qual são instalados módulos e/ou o convés.

Em (1), a metáfora *luva* é evidenciada por meio do traço *função*. No campo do vestuário, o Dicionário Houaiss define *luva*⁶ como “peça do vestuário, de material diverso, que serve para cobrir as mãos, us. em pares como enfeite, proteção, higiene, acessório de trabalho, apetrecho em diversos esportes”; ao associarmos ao universo do petróleo, com base na definição apresentada pelo DP – “peça cilíndrica [...] com o qual se efetua a conexão, por enroscamento, de dois tubos com roscas externas. No método de produção por bombeio mecânico é também utilizada para conectar hastes” – os traços são evidenciados em *enroscamento*, *conexão*, em que há uma junção, assim como uma luva que é colocada, “conectada” para cobrir ou proteger a mão.

No que concerne à metáfora *camisa*, foi possível associarmos a definição apresentada no DH (“peça de roupa de mangas longas ou curtas que cobre o tronco de uma pessoa, ger. fechada na frente por meio de botões [...] qualquer peça, material

⁶ Embora haja uma definição com rubrica *serralheria*, que remete diretamente ao contexto usado no petróleo, tomamos como base a rubrica *vestuário*. Além de estarmos dando ênfase a esse nicho metafórico, ao buscarmos a etimologia da palavra *luva*, encontramos gót. lófa 'palma da mão', o que nos leva a pensar que, primeiramente, luva era uma peça de vestuário.

ou tecido que constitui ou serve de envoltório, invólucro, revestimento ou proteção a algo”) com a presente no DP, em que *camisa* é um tubo/peça. Os traços evidenciados estão relacionados ao *material*, essas peças (dos universos do vestuário e do petróleo) podem ser de diferentes materiais, quanto ao *tipo*, e têm *função* similar, porque a *camisa* (vestuário) é um revestimento que cobre e/ou protege, e a *camisa* (petróleo) “pode ser revestida de crono duro para obter maior resistência mecânica à abrasão e à corrosão”, o que resulta no traço *proteção*, pois serve de barreira. Na Figura 1, é possível observar a localização da *camisa* na *bomba de fundo*.



Fonte: https://mecanica.ufes.br/sites/engenhariamecanica.ufes.br/files/field/anelo/4._projeto_de_graduacao_-_versao_corrigida.pdf

Figura 1 - Localização da *camisa* na bomba de fundo.

A metáfora *jaqueta* é muito parecida com a metáfora *camisa*, quando evidenciamos o traço *função*. A *jaqueta*, segundo o DP, é a “estrutura de suporte de uma plataforma fixa que vai desde a fundação até pouco acima do nível do mar” e tem sua dimensão de acordo com os poços de petróleo. A plataforma possui basicamente três partes: *estacas*, *jaquetas* e *módulo*, a *jaqueta* é a parte intermediária. Se relacionarmos a estrutura de uma plataforma fixa a um corpo humano, podemos aproximar a ideia do uso da metáfora *jaqueta*, uma vez que esta, no campo do vestuário, segundo o DH, é uma peça (“casaco curto, aberto à frente e que bate à altura da cintura ou pouco abaixo desta; jaleca”). Assim como a *jaqueta* (petróleo) localiza-se na parte intermediária da plataforma, a *jaqueta* (vestuário) é usada para cobrir a parte intermediária no corpo humano. Além disso, segundo Coelho (2010, p. 58), “ela cobre as estacas, estando à exposição de desgastes por corrosão ou pelo choque de embarcações; desse modo servem para proteger as *estacas*, parte que fica submersa, como para proteger, cobrir o corpo humano.

4.2 Metáforas relacionadas à família

Outro campo semântico encontrado na terminologia do petróleo está relacionado à família. Nesse núcleo, registramos *família*, *filho* e *mãe*. Para família, registramos oito ocorrências, a saber: *família CDP*, *família CMP*, *família de ponto médio*

comum, família de offset comum, família de receptor comum, família de reflexão comum, família de tiro comum e família de fonte comum; e, para filho e mãe, apenas uma ocorrência cada, elemento filho e poço mãe, respectivamente. Vejamos:

(4) *família de tiro comum / common-shot family*

DP: conjunto no qual todos os eventos presentes foram gerados por um mesmo tiro, sendo registrados por diferentes receptores. Geralmente utilizado para controle de qualidade ou entrada de dados para migração.

(5) *elemento filho / daughter element*⁷

DP: qualquer membro da série de núclídeos formado por desintegração radiativa de um elemento instável, como o urânio, que é chamado de pai. Os núclídeos-filhos, um após outro, emitem energia em forma de partícula alfa ou beta, de modo que a sequência resultante termine em um núcleo estável. Por exemplo, rádio e radônio são filhos do urânio.

(6) *poço mãe / mainhole*

DP: expressão usual para se referir ao poço original quando nele foi feito um desvio, acidental ou intencional. É muito comum usar essa referência em poços multilaterais quando se deseja indicar o poço a partir do qual os poços laterais foram perfurados.

A metáfora *família de tiro comum* abrange toda a relação familiar, uma vez que o próprio termo metafórico *família* remete a esse contexto. No DH, a acepção registrada para esse termo é “1. grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto (esp. o pai, a mãe e os filhos); 2. grupo de pessoas com ancestralidade comum”. Se tomarmos como base essas acepções, podemos estabelecer relações metafóricas com o emprego de *família* na terminologia do petróleo, definida pelo DP como “Conjunto no qual todos os eventos presentes foram gerados por um mesmo tiro”. Desse modo, os traços que aproximam esses dois universos estão relacionados ao fato de que *família* engloba um conjunto de membros, que no universo de especialidade são eventos, além de serem “gerados” por um mesmo tiro, como acontece em algumas famílias, em que os membros são gerados por um mesmo progenitor. Logo, os traços *quantidade* e *origem* evidenciam a metáfora *família*.

No que concerne à definição de *elemento filho*, observamos que já existe uma explicação prévia acerca dessa relação pai-filho. No DH, *filho* refere-se a cada um dos descendentes em relação aos seus genitores, pessoa que se origina de determinada família, grupo social; essa acepção nos permite comparar com a ideia empregada em *elemento filho*, em que temos “membro da série de núclídeos formado por desintegração radiativa de um elemento instável”. A capacidade de desintegração relaciona-se com a ideia de apartação, ou seja, de um membro surgem vários outros. Assim como o filho é pessoa que se origina de outra, o *elemento filho* é um elemento originado de outro, como no exemplo apresentado no DP, do urânio, que é chamado de pai.

Em se tratando de *poço mãe*, a relação é similar à ideia apresentada no exemplo (5), entretanto, nesse caso, a relação se dá de forma inversa. No DH, a definição de *mãe*, registrada como sentido figurado, refere-se ao local onde algo teve origem, ou

⁷ Salienta-se neste exemplo a relação familiar, no inglês, dá-se com *daughter, filha*, feminino em português. Já no português essa mesma relação se dá com *filho*, masculino.

seja, o poço que deu origem, primeiro, e por meio dele foram criados outros. Portanto, *poço mãe* é um termo metafórico que apresenta de maneira bem clara a relação familiar com sua aplicação na terminologia do petróleo.

4.3 Metáfora das cores

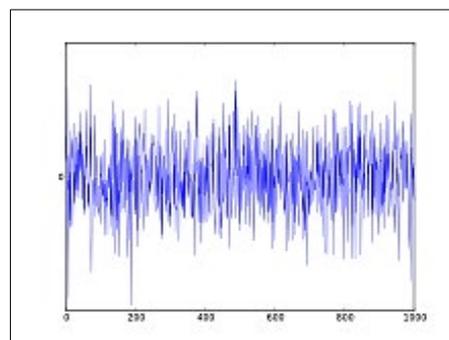
Este campo semântico trata das relações do homem com as cores. Não é de hoje que estudiosos desenvolvem trabalhos relacionados a esse campo, em como as cores influenciam a forma de o homem enxergar o mundo. Na terminologia do petróleo, foi possível registrar cinco termos que remetem às cores, são eles: *ruído colorido*, *ruído branco* e *ouro negro*. Em se tratando de *ruído colorido*, a metáfora está presente no segundo elemento do sintagma, formado por um substantivo + adjetivo: *colorido* qualifica ruído. Vejamos:

(7) *ruído branco / white noise*

DP: 1. Ruído cujo espectro de amplitude é aproximadamente plano. 2. Fator utilizado para se estabilizar o cálculo dos filtros de Wiener-Hopf e vários tipos de deconvolução.

(8) *ruído colorido / colored noise*

DP: ruído que apresenta amplitudes razoavelmente distintas para diferentes frequências, ou seja, cujo espectro não é plano. Geralmente, as maiores amplitudes estão concentradas ou nas menores (ruídos vermelhos) ou maiores (ruídos azuis) frequências do espectro. Uma premissa fundamental de algumas etapas do processamento sísmico é que o ruído aleatório é branco.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ru%C3%ADdo_branco

Figura 21 - *ruído branco*.

Em *ruído branco*, podemos compreender a metáfora se pensarmos na cor e sua aplicação no universo especializado. Nesse universo, *branco* é o ruído que possui espectro plano em todas as frequências, que faz analogia com a cor branca, que vista sob o ponto de vista óptico, é mais que uma cor, é a soma de todas as cores da luz, assim como no universo especializado, em que a luz branca possui todas as frequências.

Já *ruído colorido* apresenta uma definição oposta à do termo anterior, “apresenta amplitudes razoavelmente distintas para diferentes frequências”, pois *colorido* remete à “que tem ou recebeu cor(es)”, ou seja, possui diferentes cores que são associadas às diferentes frequências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos, com este texto, analisar os termos metafóricos do universo do petróleo, motivadas pelos campos semânticos *vestuário*, *família* e *cores*, corroborando a tese da metáfora ser um fenômeno cognitivo, que toma como base as experiências do cotidiano. Assim, no ato de nomear/designar um determinado objeto ou coisa, o falante toma como base sua própria realidade, sua forma de enxergar o mundo.

No universo especializado isso não é diferente, uma vez que entendemos que os termos que fazem parte do repertório terminológico do petróleo, bem como de outros universos especializados, fazem parte da língua corrente/comum, que ao serem utilizados com novos sentidos dentro desse universo, ganham o estatuto de *termo*.

Nas nossas análises, foi possível registrar campos semânticos que concernem ao vestuário, constituídos pelos termos *luva*, *camisa* e *jaqueta*; à *família*, com os termos *família*, *filha* e *mãe*; e, às cores, a saber: *branco* e *colorido*. Desse modo, é perceptível que essas palavras fazem parte do dia a dia do indivíduo e que, ao constituírem o repertório terminológico do universo do petróleo, recebem um sentido especializado. Esse fenômeno não acontece de forma aleatória; Lakoff e Johnson (2015) afirmam que a metáfora consiste em experienciar uma coisa em termos de outra, é exatamente o que acontece com os termos analisados, em que os indivíduos tomam como base sua realidade e utilizam-se de traços semânticos presentes nessas entidades para então nomear a atividade petrolífera.

Nesse sentido, pudemos demonstrar, neste estudo, que o processo metafórico está diretamente ligado à relação do homem com o mundo e suas experiências, como preconizado pela TMC, em que o pensamento humano é ordinariamente metafórico e essa realidade pode ser percebida por meio da linguagem. Na terminologia do petróleo os núcleos abaixo estabelecem relação de similaridade do domínio-fonte com o domínio-alvo, corroborando as ideias aqui discutidas em relação à metáfora. Vejamos:

- 1) *Vestuário*: a metáfora conceitual pode ser percebida na similaridade com o universo humano, em que os instrumentos, as entidades do universo do petróleo são como seres humanos e necessitam de “vestimentas”. Nesse núcleo, observamos, ainda, que o traço que aproxima os dois domínios (cotidiano e petróleo) é o da *função*.
- 2) *Família*: trata-se das relações familiares, em que há ligações entre elementos de uma determinada estrutura, nesse caso, familiar. Os elementos simbólicos e concretos do petróleo, ainda visto com similaridade nas características e necessidade humanas, mantêm entre si relações, como de uma estrutura família, em que há uma entidade-origem e uma entidade derivada, ligadas por características comuns que permitem associar essas entidades, em que uma, de alguma forma, está ligada a outra; metaforicamente isso se concretiza, por exemplo, em *elemento filho e poço mãe*.
- 3) *Cores*: em se tratando das cores, a metáfora é percebida por meio da visão de mundo que o indivíduo tem acerca de determinados elementos, e que muitas vezes é metaforizado por meio das cores, tomando como base as ideias dos espectros, relacionando assim ao universo do petróleo, como pudemos ver em *branco e colorido*.

Os traços mais recorrentes e perceptíveis são o da *forma* e o da *função*, traços estes que motivam no ato de nomear as entidades e refletem a forma de enxergar a realidade de uma determinada comunidade.

Toda essa discussão é fundamental para os estudos da metáfora, sobretudo na Terminologia, pois se afasta das premissas clássicas e tradicionais voltadas para as questões de estilística e univocidade dos termos e passa ser vista enquanto recurso cognitivo e fundamental para a compreensão da realidade humana.

REFERÊNCIAS

- Aristóteles. Retórica. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda; 1998.
- Cabré M. La terminología: representación y comunicación. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra; 1999.
- Coelho A. Risco operacional no descomissionamento de unidade marítima fixa de exploração e produção de petróleo [dissertação]. Niterói: Universidade Federal Fluminense; 2010.
- Fernández E, Pedrosa Junior O, Pinho A. Dicionário do petróleo em língua portuguesa: exploração e produção de petróleo e gás: uma colaboração Brasil, Portugal e Angola. Rio de Janeiro: Lexikon / PUC Rio; 2009.
- Ferrari L. Introdução à linguística cognitiva. São Paulo: Contexto; 2014.
- Filipak F. Teoria da metáfora. Curitiba: HDV; 1963.
- Fossile D. Um passeio pelos estudos da metáfora. Revista de Letras. 2011;14(1):1-15.
- Instituto Antônio Houaiss. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva; 2009.
- Lakoff G, Johnson M. Metáforas de la vida cotidiana. Madrid: Ediciones Cátedra; 2015[1980].
- Martins C. A metáfora na terminologia: análise de metáforas terminológicas em textos jurídicos do ambiente [dissertação]. Porto: Faculdade de Letras, Universidade do Porto; 2003.
- Ricouer P. A metáfora viva. 3.^a ed. São Paulo: Loyola; 2015[1975].
- Society of Petroleum Engineers. Petróleo e Gás Natural. Estados Unidos: DK Publishing; 2007 [slide]. Disponível em: https://www.energy4me.org/media/filer_public/86/19/8619ba89-7237-4949-a6fd-92060e26c1bc/brazil_port_web.pdf.
- Temmerman R. Towards new ways of terminology description: the sociocognitive approach. Philadelphia: John Benjamins; 2000.
- Wüster E. Introducción a la teoría general de la terminología y terminografía terminológica. Cabré MT, tradutora. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada - Universitat Pompeu Fabra; 1998.

FLP 25(1)